

Entre Paredes e Bacamartes: história da família no Sertão da pecuária (1780-1850).

Antonio Otaviano Vieira Junior - UFPA

Esse texto apresenta os resultados finais de minha pesquisa sobre a construção de significados da família do Sertão da pecuária, em especial do Ceará, entre os anos de 1780-1850. A pesquisa teve como objetivo discutir a família sob duas perspectivas: domicílio e violência.

No período estudado, o Ceará assistiu a efetivação de sua colonização, a ascensão e decadência do ciclo pecuarista na pauta de exportação, o fortalecimento da vida urbana e o crescimento populacional, crises e guerras políticas, a confirmação de relações capitalistas que colocavam o Ceará em contato direto com a Europa e o início de um novo modelo cultural que vai ganhar destaque principalmente a partir da segunda metade do século XIX. Meu trabalho buscou analisar a família numa região colonizada a partir da pecuária, que mesmo após entrar em decadência enquanto atividade exportadora, deixou significativas marcas nas relações sociais e econômicas da região.

A Família e o Domicílio

O cenário cearense, marcado pela ocupação através da pecuária e pela constância da escassez de chuvas, encontrou na migração uma estratégia de sobrevivência da população local. Esses deslocamentos contínuos deixavam marcas profundas nas estruturas dos domicílios. Seja na qualidade dos frágeis materiais empregados nas edificações, no pouco valor pecuniário das residências, na mobília singela e de fácil transporte, ou no próprio sentido da relação tênue entre o grupo familiar e a habitação.

O uso social do espaço e da arquitetura de domicílios cearenses apontava características gerais: a morada não contava com rígidas divisões internas, e

apresentava uma sobreposição de utilidades dos cômodos, que por sua vez estava associada às múltiplas funções da morada. Era revelada uma residência entrecortada constantemente pela presença de pessoas alheias ao grupo familiar, e que dificultavam a construção de uma idéia de família galgada no co-habitação e no sentimento de domesticidade.

Por outro lado, convivendo com essa aparente permissividade do espaço doméstico, havia também regras silenciosas que disciplinavam, dentro de um mesmo domicílio, o acesso de estranhos. A preocupação com a defesa da honra feminina, asseverada por pais e maridos auto-representados como zelosos com o patrimônio moral e material da família, poderia fluir evidenciando um limite à permissividade observada num primeiro olhar, associando o significado da família à habitação e a uma incipiente noção de doméstico.

Embora a tendência mais geral apontasse para impasses diários que tornavam dúbias representações que consagrassem a residência como local exclusivo da vida familiar, também foi possível entrever uma incipiente mudança a partir da análise das arquiteturas de domicílios de famílias abastadas da cidade de Fortaleza durante a década de 40 do séc. XIX. Diferentemente da maior parte das casas cearenses, essas construções específicas eram edificadas a partir de materiais mais resistentes e confortáveis, ocupadas por rica e pesada mobília. Apresentavam uma separação de funções entre os espaços internos, principalmente na caracterização de um setor de serviços que procurava apartar os empregados e escravos do convívio familiar aristocrático.

Embora pudessem ser diferentes, família e casa revelavam uma intensa associação onde os múltiplos sentidos da residência também se coadunavam com matizes de representações acerca do grupo familiar. Em geral, na análise sobre o significado social da morada cearense foi possível encontrar uma

plasticidade, um movimento na representação e construção da vida doméstica na sua inter-relação com os sentidos da família.

A habitação poderia ser uma extensão do mundo do trabalho e da vida em comunidade, onde a presença do alheio à família – apesar dos limites e estratégias – era freqüente e por tanto gestava maiores dificuldades para a delimitação da idéia de pertencimento ao grupo familiar. Em outras situações o domicílio significava resguardo e palco exclusivo de dramas familiares. Essa oscilação obedecia a situações cotidianas imediatas, em momentos de conflitos, onde a sobrevivência econômica e moral da família era posta em xeque.

Não foi possível entrever uma linha que servisse enquanto suporte para distinções rígidas. A associação da representação do universo doméstico com as estratégias discursivas elaboradas para solucionar problemas pontuais tornava viável destacar não o tipo de família ou período, mas, as situações as quais as famílias eram obrigadas a lidar. Não vislumbrei mudanças significativas nas residências no que concerne à representação social ao longo do período estudado. De mais significativo fica a idéia de que a relação entre casa e família não tinha apenas um sentido, mas se adequava a múltiplas situações as quais os membros dessas famílias eram obrigados a conviver.

Analisar a casa cearense, entre os anos de 1780-1850, foi observar o grupo familiar no processo diário de sobrevivência e interação social. O trabalho, a hospedagem, a diversão, a sexualidade, os furtos, as agressões...deixavam profundas marcas nas paredes dos domicílios. O estudo da moradia é um esforço de aproximação do dia-a-dia da família, marcado por odores, gritos, choros, rezas, suores... onde co-habitação poderia não ser signo de um sentimento de unidade familiar.

A Família e a Violência

O movimento do significado da família também poderia ser encontrado nas circunstâncias evidenciadas em ações de violentas. Na definição de um sentimento de grupo familiar, os laços de consangüinidade e parentesco encontravam concorrência nas memórias em comum de lutas, na construção e fragmentação de redes familiares, na aproximação entre proprietários e *cabras*, na defesa do patrimônio material e moral da família.

A família pode ser evidenciada a partir da sua interação com a presença cotidiana da violência, para tanto destaquei dois grupos: as organizações de proprietários de terras e rebanhos, baseadas em extensas famílias, e as representações sociais de segmentos menos abastados. O bacamarte estava inexoravelmente encravado numa gama de relações, entre elas as tramas urdidas nos grupos familiares. Durante os últimos anos do Ceará Colônia, e a incipiente política imperial, a interação entre a organização familiar e a violência não sofreu significativas mudanças.

Quando associadas às famílias abastadas, o recurso às armas se efetivava em especial estratégia de poder. O controle da terra, de cargos políticos e da hegemonia econômica por parte de um grupo familiar era diretamente proporcional ao seu potencial marcial. A formação de redes familiares, a composição de trajetórias marciais e a associação de uma vasta *cabroeira* ao cotidiano dessas famílias expõem que a idéia de pertencimento a um grupo não se resumia ao domicílio ou mesmo aos laços consangüíneos e afins. Também era um sentimento construído em alianças políticas, e em memórias de lutas sangrentas. O sentido de unidade familiar não era linear e estático, mas encontrava apoio nas inúmeras situações de violências as quais o grupo estava submetido.

A vasta trajetória de violência, que eivava esses segmentos mais abastados, ajudava a construir ao longo de várias gerações a idéia de unidade familiar. Essa representação poderia ser amparada pela lembrança dos pioneiros fundadores das extensas famílias e na consagração de viscerais e comuns inimigos. Em última instância, o recurso a ações marciais se efetivava como uma das principais dimensões que asseverava a influência política e econômica, e a idéia de unidade familiar por parte de estamentos sociais dominantes.

Os limites da documentação pesquisada tendem a referendar considerações generalizantes, que destacavam primordialmente a unidade familiar dos grupos abastados. Isso, entretanto não significava que tais famílias não estivessem submetidas a tensões internas, que poderiam explodir em sangrentas contendas. Mas, essas fissuras ficavam expostas principalmente diante das desagregações de redes familiares e apareciam com timidez nos registros pesquisados.

Procurei não limitar a análise aos grupos de elite, e incluí as personagens pobres, tramadas e rerepresentadas a partir de assassinatos e agressões. Outro elemento que emergia como diferenciador nesse cotidiano violento era o gênero.

Aqui, a busca central da análise foi pela possibilidade de se perceber os sentidos referentes à família construídos a partir de tensões cotidianas, que resultavam em atentados contra a vida, e em ocasionais ofensas físicas. Investigar grupos menos abastados significou analisar as tramas construídas fundamentalmente em processos criminais.

Os conflitos que emergiam nesse dia-a-dia também eram diferenciados dos configurados nos grupos de elite. As famílias menos favorecidas, que não pertenciam aos setores dominantes cearenses, tratavam de contendas mais imediatas, de brigas entre vizinhos, dos roubos de reduzidos roçados, das

agressões físicas, da dívida de alguns réis, de pedaços de carne furtados... Suas guerras não envolviam aparatos de cargos políticos ou judiciais, suas mortes não envolviam uma vasta *cabroeira* e suas ações eram passíveis de serem punidas pelas autoridades locais. Os grupos pobres estavam constantemente imbuídos na luta pela sobrevivência material, que lhe era extremamente difícil.

No caso das organizações familiares menos abastadas as tensões que orbitavam em torno das honras e papéis de homens e mulheres foram fartamente registradas, ganhando destaque na análise da construção de sentidos e valores dessas famílias. As ações de agressões e assassinatos não envolviam exclusivamente homens, como queriam fazer crer os silêncios dos registros das violências impetradas por segmentos sociais mais privilegiados. As mulheres também figuravam no rol de agressores e vítimas, planejando e sofrendo diferenciadas investidas e participando ativamente para a gestão de significados da família.

Entre facas e bacamartes o sentido de família emergia em movimento. A violência explicitava elementos que compunham a unidade familiar, referendada na defesa do patrimônio material e moral do grupo e na consolidação de um inimigo comum – tanto em famílias abastadas ou não. Da mesma forma, a violência expunha a fragmentação dessas famílias.

No que tange aos estamentos pobres se poderia entrever fissuras na idéia de parentescos e de papéis ideais de gênero, reelaborados em demandas imediatas do cotidiano. Nesses grupos a violência também poderia significar a reconstrução da organização familiar, a exclusão de alguns parentes e a inserção de novos componentes. Essa transformação da unidade familiar através da violência ficava explícita nos atentados que as esposas cometiam, auxiliadas por amantes, contra a vida de seus maridos.

Considerações Finais

Em resumo, analisar a família cearense entre os anos de 1780-1850, através do domicílio e da violência é ter a possibilidade de percebê-la para além da consangüinidade e dos parentescos. Foi enveredar por um universo familiar no qual o sentido da família não representava algo estanque, mas era composto por uma série de situações cotidianas que confirmavam ou tornavam frágil a unidade familiar. A morada era lugar da família, mas também convivia constantemente com pessoas alheias ao grupo, e que dificultavam o fortalecimento de uma noção da família atrelada a co-habitação e ao sentimento de domesticidade. A violência reforçava a coesão do grupo ao eleger inimigos comuns e lutar pela manutenção do patrimônio material e moral da família, mas também poderia ser utilizada enquanto mecanismo de redefinição dos laços familiares e expor fissuras inerentes às relações de parentesco.

Os sentidos da família no Ceará apontavam para movimentos contínuos ou não, articulados com as questões emergentes do cotidiano.